

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15929 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 06 - Formação de Professores

## FERRAMENTAS MOBILIZADAS EM UM LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS COM PROFESSORES PESQUISADORES

Eduarda Sebastiany - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Luciane Frosi Piva - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

Viviane Catarini Paim - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

### **FERRAMENTAS MOBILIZADAS EM UM LABORATÓRIO DE DOCÊNCIAS COM PROFESSORES PESQUISADORES**

**RESUMO:** O texto apresenta parte de um trabalho de pesquisa desenvolvido em um Laboratório de Docências Contemporâneas, realizado com professores pesquisadores de escolas e de uma Universidade em um município no sul do Brasil (2021-2024). A docência é compreendida como um processo educativo intencional, autoral e único, o que justifica o uso do termo *docências* no plural. Para a análise, foi utilizado o material empírico dos encontros de formação em Laboratório dos três grupos: Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. A partir de estudos sobre as docências contemporâneas e demais referenciais da pesquisa, as ferramentas da *crítica radical* e do *exercício do pensamento* foram selecionadas para narrar nossa posição de pesquisadoras da Universidade na mobilização destes conceitos, para que a formação ocorresse pelo pressuposto da pesquisa (de)formação. Concluímos que conduzir um Laboratório em experiência coformativa despertou em nós um outro modo de fazer e pensar a pesquisa formativa em Educação, nos (de)formando durante todo o processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Laboratório de Docências. Formação de Professores. Ferramentas. Docências. Pesquisa (de)formação.

O que entendemos por docência? É possível dizer que acionamos ferramentas no exercício docente? Que ferramentas teriam potência para questionar e problematizar as docências? A partir destas questões, temos a intenção de apresentar parte do trabalho desenvolvido em uma pesquisa realizada por um grupo de pesquisadores do sul do Brasil, ocorrida entre os anos de 2021 e 2024. A pesquisa consolidou um Laboratório de Docências Contemporâneas como um espaço de experimentação e experiências coformativas, mobilizadas por diferentes ferramentas.

Inicialmente consideramos necessário anunciar nosso entendimento de docência e o porquê usamos o termo no plural. Muitos estudos (Roldão, 2007; Corazza, 2011; Gatti, 2017; Fabris; Dal'igna, 2017; Nóvoa; Alvim, 2022) dedicam-se a apresentar uma definição de docência. São estudos instigantes sobre a temática, haja vista a complexidade acerca desse conceito. No entanto, optamos por nos apoiar em Fabris e Dal'Igna (2017) que afirmam que a

docência só pode ser exercida dentro de um processo educativo intencional, numa relação entre professor e crianças/alunos em uma ação especificamente pedagógica.

Dadas suas especificidades, também se compreende que a docência é artesanal, única, autoral e encarnada (Fabris; Sebastiany, 2022). Sob as múltiplas condições em que a docência acontece, a concebemos no plural - *docências* - porque entendemos que são únicas nos diferentes contextos e, por isso, não se repetem nem seguem modelos. Porém, podemos usar ferramentas para incitar em outros ambientes o saber-fazer que nos inspira, mas jamais serão cópias fiéis.

Posto isso, intencionamos narrar nossa posição de professoras pesquisadoras na formação em Laboratório e o modo como mobilizamos algumas ferramentas que julgamos serem necessárias para que a formação ocorresse pela (de)formação. Esse tipo de pesquisa é tanto um modo de pesquisar como uma metodologia, mantendo pressupostos de uma pesquisa colaborativa, participativa e de intervenção.

A formação pela (de)formação é compreendida como uma possibilidade de transformação de si, viabilizada pelo deslocamento de “[...] posições já assumidas, como verdades anteriores à participação na pesquisa” (Oliveira; Bahia; Neves, 2022, p. 884). É olhar para essas verdades e questioná-las, a partir e com os referenciais da pesquisa e da experiência coformativa. Queremos dizer, com isso, que concebemos os professores participantes como pesquisadores, pois a pesquisa não é sobre eles, mas *com* eles.

O Laboratório não se configurou como um curso, mas como um espaço de experimentação e de experiências coformativas, em que todos foram partícipes. Por isso, os professores foram chamados a pensar juntos, a fazer experimentos em suas escolas e a analisar suas práticas docentes em conjunto com os demais pesquisadores. Os professores pesquisadores participantes são atuantes em escolas da rede de ensino de um município do sul do Brasil. Por isso, considerando as etapas de atendimento dessa rede de ensino, constituímos grupos distintos para o desenvolvimento do Laboratório, em que cada um contou com a coordenação de um ou mais pesquisadores da Universidade: Educação Infantil (EI), Anos Iniciais do Ensino Fundamental (AIEF), Anos Finais do Ensino Fundamental (AFEF) e Gestores. Destacamos que os grupos de EI, AIEF e AFEF foram coordenados por cada uma das autoras deste texto e, por isso, as análises para esse texto foram produzidas a partir das narrativas dos três grupos.

Corroboramos com Veiga-Neto (2006, p. 81), que é preciso “[...] entender os conceitos enquanto ferramentas com as quais golpeamos outros conceitos, o nosso próprio pensamento

e a nossa própria experiência”. Temos como intenção, a partir do objetivo apresentado, discorrer sobre os conceitos, entendidos como ferramentas, operacionalizados no espaço do Laboratório: *artesanaria*, *crítica radical*, *exercício do pensamento*, *coformação*, *estudo* e *escrita*. Por fim, analisar o que se produziu a partir de dois deles: *exercício do pensamento* e *crítica radical* no desenvolvimento do Laboratório e como se evidenciaram nas docências dos professores pesquisadores.

Começaremos discorrendo sobre a ferramenta da *artesanaria* que é definida pela criação, pela autoria, pelo engajamento nas docências, sem seguir ou copiar modelos. A artesanaria afirma uma individualidade que confere o caráter próprio de um trabalho bem feito, semelhante aos artífices, que para Sennett (2021) é uma conexão permanente entre mão e cabeça, pensamento e ação, por isso, uma ação pensada e não mecânica. Mobilizamos essa ferramenta por meio de propostas e questionamentos que fomentaram de diferentes formas a reflexão sobre si e o saber-fazer docente. Além disso, compreendendo o caráter formativo, conversamos sobre essa ferramenta e levamos exemplos sobre o seu funcionamento nas docências.

A *crítica radical* envolve uma atitude de estranhamento e desconfiança às verdades pré estabelecidas. Nesta atitude, dar razões e ir às raízes das legitimidades e dos próprios pensamentos é um imperativo. Foucault (2004, p. 180) afirma que “Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais. Nessas condições, a crítica – e a crítica radical – é absolutamente indispensável para qualquer transformação”.

O *exercício do pensamento* trata-se de estar aberto a ouvir uma problematização, um questionamento e expôr-se. De ouvir e de se fazer perguntas que levem a pensar de outros modos ao que sempre foi considerado única forma. Para criar possibilidades de pensamento e desnaturalizar os acontecimentos sociais que são produzidos nos diferentes contextos políticos, econômicos e culturais. Operacionaliza acolher o pensamento do outro ou confrontá-lo eticamente, ao mesmo tempo, é ser acolhido, sem julgamentos diante de suas perspectivas e reflexões. É um exercício de questionar e questionar-se e envolve uma postura experimental, que “[...] significa ver, esclarecer, trazer à baila, penetrar, convidar, inspirar, experimentar [...]” (Masschelein, 2014, p. 24).

A *coformação* atravessou e intensificou todo o momento formativo, o exercício do pensamento e a crítica radical, pois todos são partícipes da pesquisa, trazendo e analisando seus experimentos e os dos outros. Essa ferramenta mobiliza “[...] uma operação que demanda envolvimento dos sujeitos em formação, tanto dos que são responsáveis por ela, quanto daqueles que já estão atuando na profissão” (Bahia, 2017, p. 81).

O *estudo* envolve pensar de outros modos a partir de referenciais que nos tiram da zona de conforto, da leitura considerada fácil, principalmente ao ler autores de outras áreas que nos ajudam a pensar as docências, como Filosofia, Sociologia, Antropologia, entre outras. E, com isso, envolve o exercício do pensamento, já que nem sempre é fácil compreender novos conceitos. Por isso, o estudo é um mergulho naquilo que, muitas vezes, desconhecemos, mas necessários a um fazer docente que não seja somente a prática pela prática, mas que dê sentido ao que fazemos e porquê fazemos.

Sobre a *escrita*, podemos dizer que ela envolve registrar as reflexões e exercícios do pensamento sobre as docências. Ela possibilita explorar e revelar o que se passa no pensamento, podendo se mostrar de diferentes formas: poesias, biografias, relatos, histórias, micro histórias. Para Foucault (2011, p. 6), a escrita pode se constituir como uma “[...] prática de dizer a verdade sobre si mesmo”, ou seja, muitas das formas que foram experimentadas no Laboratório puderam potencializar aquilo que se conheceu, o que fez pensar, o que desestabilizou, o que causou desconforto, o que se consolidou, o que lhe foi próprio da experiência. Como culminância da pesquisa, estamos desenvolvendo a escrita de um livro, contemplando os experimentos de cada professor pesquisador em suas docências e suas experiências ao vivenciar o processo formativo, evidenciando as possíveis (de)formações e suas potências no fazer docente.

Todos esses conceitos intencionam a compor a “caixa de ferramentas” de cada professor pesquisador, que se constitui pelo repertório que cada um leva da formação, como recurso teórico-metodológico para criar e experienciar outros modos de agir, podendo acioná-las em suas docências, de acordo com as especificidades de cada contexto e condições.

Diante da breve descrição das ferramentas operacionalizadas no Laboratório, optamos por escolher duas delas para mostrar como foram mobilizadas naquele espaço e como repercutiram nas docências dos professores participantes: o *exercício do pensamento* e a *crítica radical*, apoiando-nos no material empírico produzido, especialmente nas narrativas provenientes dos encontros. Desta forma, evidenciamos os atravessamentos destas ferramentas nos diferentes grupos, considerando as especificidades de cada etapa de atuação, bem como, as distintas áreas de formação dos professores.

Para mobilizar a ferramenta da crítica radical, utilizamos várias estratégias teórico-práticas com o objetivo de incentivar a reflexão sobre conceitos e palavras que, na cultura formativa, carregam significados estanques. Dentre eles: “Ensino”, “Aprendizagem”, “Formação”, “Teoria-prática”, “Educação”, “Avaliação”, “Planejamento” e “Inovação” foram

abordados e analisados com outras lentes, desnaturalizando e contrastando concepções.

A ferramenta do exercício do pensamento foi mobilizada, principalmente, por meio da articulação entre os referenciais e as análises dos experimentos docentes compartilhados. Neste movimento, como pesquisadoras, nos situamos em alguns momentos nesse embate, no exercício de acolher ou silenciar ou devolver as questões trazidas para a continuidade do exercício do pensamento, para aprofundar camadas das docências e crenças cristalizadas.

Nós, como pesquisadoras da Universidade e, como coordenadoras dos grupos, nos sentimos desafiadas a planejar os encontros e intervir de forma a colocar os professores pesquisadores em uma posição de exercício do pensamento e crítica radical. Além de ser uma postura que demanda uma ruptura e um distanciamento da maioria das formações oferecidas, experimentamos o desafio constante da imprevisibilidade que tal processo evoca. Conduzir um tipo de formação em experiência coformativa, mas principalmente em uma pesquisa que se propõe ser (de)formação despertou em nós um outro modo de fazer e pensar a pesquisa formativa em Educação. Isto é, nos (de)formando durante todo o processo, criando um clima, uma atitude questionadora sobre tudo que pensamos e fazemos.

## REFERÊNCIAS

BAHIA, S. B. M. H. **A constituição do(a) professor(a) iniciante**: implicações da iniciação à docência. Trabalho de Conclusão (Curso de Pedagogia). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. **Revista da Fundarte**, Montenegro, ano 11, n. 21, p. 13-16, jan./jun., 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/221018/000820192.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 jul. 2024.

FABRIS, Elí Terezinha Henn; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Nenhuma escola está imune às ondas de violência e conservadorismo. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos IHU online**. São Leopoldo, edição 516, 04 dez. 2017. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7152-nenhuma-escola-esta-imune-as-ondas-deviolencia-e-conservadorismo>. Acesso em: 30 jul. 2024.

FABRIS; Elí Terezinha Henn Fabris; SEBASTIANY, Eduarda. (Re)invenção da escola e profissão docente: desafios contemporâneos para uma Escola da Travessia. *In*: PEREIRA, Antonio Serafim (org.). **Educação no contexto que se move**: saberes, experiências e reflexões. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-contexto>. Acesso em: 23 jun. 2024.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. *In*: **Ditos e escritos**: ética, sexualidade, política. v. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 294-300.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 721-737, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1981-416X.17.053.AO01>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MASSCHELEIN, Jan. Filosofia como (auto)educação para fazer a voz do pedagogo ser ouvida. *In*: MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara. **Escolas e Professores**: proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2022/02/antonio-novoa-livro-em-versao-digitalfevereiro-2022.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OLIVEIRA, Sandra de; BAHIA, Sabrine Borges de Mello Hetti; NEVES, Antônia Regina Gomes. Professores iniciantes e coformação: indicações para as políticas públicas de formação continuada. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 24, n. 4, p. 882-902, out./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v24i4.8663612>. Acesso em: 12 jun. 2024.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100008>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SENNETT, Richard. **O artífice**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Na oficina de Foucault. *In*: KOHAN, Walter Omar; GONDRA, José (orgs.). **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 79-91.